



## Resumo Acadêmico: uma experiência mediativa com o gênero na formação docente inicial

Rubia Mara Bragagnollo<sup>1\*</sup> e Renilson José Menegassi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rua Cristóvão Colombo, 2265, 15054-000, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. <sup>2</sup>Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: rubiamara87@hotmail.com

**RESUMO.** Este trabalho versa sobre a constituição da escrita acadêmica na formação docente inicial, a partir da utilização do gênero Resumo Acadêmico, focando sua discussão para o processo de mediação e os instrumentos presentes neste. O estudo parte das concepções de interação e escrita abordadas por Vygotsky (1991), Bakhtin e Volochinov (2006) e Bakhtin (2003), inseridas nas perspectivas sociointeracionista e enunciativa de linguagem, também da noção de gêneros discursivos, pretendendo relatar uma experiência de mediação na produção de Resumos Acadêmicos com professores na formação docente inicial e, a partir disso, destacar a importância da mediação neste percurso. A experiência ocorreu com alunos de um primeiro Ano de Letras, de uma Universidade Estadual do Paraná, no ano de 2009, e a partir da análise de um resumo, através da abordagem qualitativa interpretativa, pudemos mostrar as vantagens de se utilizar ações mediativas no processo de escrita do gênero escolhido.

**Palavras-chave:** escrita acadêmica, gêneros textuais, mediação.

### Academic summary: a mediation experience with the genre in initial teacher training

**ABSTRACT.** Current research deals with the constitution of writing in initial teacher training when employing the Academic Summary genre. The mediation process and the tools involved are focused. Analysis is based on the concepts of interaction and writing discussed by Vygotsky (1991), Bakhtin and Volochinov (2006) and Bakhtin (2003) within the socio-interaction and enunciation perspectives of language and the notion of discursive genres. A mediation experience in the writing of academic summaries with teachers in initial training at the university and the highlighting of mediation in this process are provided. The experience occurred with first year students of the Language and Literature undergraduate course at a government-run university in Paraná in 2009. Employing the qualitative-interpretative approach in the analysis of one summary, the advantages of mediation activities in writing process of the genre are demonstrated.

**Keywords:** academic writing, textual genres, mediation.

### Introdução

A escrita, em nossa sociedade, tem desenvolvido um papel de suma importância na comunicação entre os indivíduos, sendo imprescindível abordá-la à luz do ensino e aprendizagem, já que ela está presente no cotidiano da maioria das pessoas e merece estudos que busquem seu aprimoramento. Nesse sentido, o trabalho da escrita na escola precisa de suporte e adequação, pois muitos são os problemas que se apresentam na formação do aluno, enquanto produtor de textos escritos.

Considerando os estudos com os gêneros discursivos (Bakhtin, 2003), que vêm, a cada dia, revelando novas ideias acerca do trabalho com o texto, e as concepções de dialogismo, interação e escrita, abordadas por Bakhtin e Volochinov (2006) e por Vygotsky (1991), que se inserem nas perspectivas

sociointeracionista e enunciativa da linguagem, bem como a noção de mediação (Vygotsky, 1991), este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de mediação na produção de Resumos Acadêmicos com professores na formação docente inicial.

### A interação e a escrita

A necessidade de se considerar a linguagem e sua importância na vida do homem é evidente. Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. No âmbito do ensino e aprendizagem, é importante levar em conta as concepções de linguagem que existem na literatura atualmente, decorrentes de estudos anteriores, as quais servem de modelos para abordagens de ensino utilizadas em sala de aula.

De modo geral, há três concepções de linguagem: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como processo de interação. Neste trabalho, a última concepção é o foco e será abordada de forma sucinta para que possamos entender quais são as características da interação presentes na escrita.

A partir dos pressupostos de Bakhtin e Volochinov (2006), no Brasil, a linguagem como interação a caracteriza como o lugar onde o homem se constitui como sujeito, interagindo com os outros e com o mundo, isto é, a linguagem é considerada um produto da atividade verbal humana, que surge da necessidade de comunicação social. Nela, os indivíduos interagem a fim de produzir sentido e têm um papel ativo e criativo. É o que permite afirmar que sem a linguagem o homem não se constitui ativamente na sociedade, já que por meio dela não há somente a comunicação entre os indivíduos, mas, também, a sua construção como ser social, o que engloba aqui sua construção profissional, no caso, a de docente de línguas.

Considerar a linguagem o grande instrumento que faz a interação social implica compreendê-la como um fenômeno que se realiza pela enunciação (ou de enunciações). A enunciação, segundo Bakhtin (2003, p. 99), é um “[...] elo da cadeia dos atos de fala [...]” e “[...] é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]” (Bakhtin, 2003, p. 114), que se dá em uma situação imediata e num contexto determinado.

A enunciação pode ser considerada como uma apropriação da língua, pois, como explicita Benveniste (apud ZASSO, 2006, p. 82), ela é o “[...] colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Assim, segundo Bakhtin (2003), o discurso materializa-se na forma de enunciados. O enunciado, para o autor, é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso se materializa em enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas.

Nessa concepção, salienta-se a situação em que a linguagem acontece, as condições de produção e o contexto sócio-histórico e ideológico em que os sujeitos estão inseridos, não podendo se separar a linguagem de seu uso concreto e social. Nesse sentido, Bakhtin e seu Círculo afirmam que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A

interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 125).

Assim, entendemos que a unidade básica da língua é a interação verbal, que se realiza por meio da enunciação, a qual é constituída pelos sujeitos, pelo contexto, o momento sócio-histórico etc., caracterizando a linguagem como um produto, resultado da união de todos os elementos da interação.

O objeto de estudo, nessa concepção, é o texto. Somente o trabalho com textos faz com que os sujeitos da interação (professor e aluno) exerçam seus papéis no uso da língua, considerando que o texto é um local de interação dos indivíduos envolvidos. Sobre este aspecto, Vygotsky (1991) declara que o texto possibilita o estabelecimento de um processo de interação, sendo ele um meio onde professor e aluno podem dialogar e, a partir disso, considerar o texto como trabalho, e não somente como um produto acabado.

Considerando o texto como trabalho, automaticamente temos a escrita como um processo, ou seja, como trabalho também. De acordo com Menegassi (2005, p. 2),

[...] a produção escrita é uma construção de conhecimentos sobre a escrita e sobre a temática que se desenvolve, servindo como ponto de interação entre professor e aluno.

Desse modo, quando trabalhado em sala de aula, o texto deve propiciar o desenvolvimento da escrita como um processo contínuo, em que o professor assume o papel não somente de avaliador, mas de mediador para auxiliar nas produções dos alunos e, assim, instigar o aluno a perceber a necessidade da revisão e da reescrita na construção do texto, para que o processo se estabeleça.

Na abordagem enunciativa da escrita, ela é concebida como atividade discursiva e constitutiva da subjetividade, ou seja, é uma das formas possíveis de diálogo em que locutor e interlocutor interagem em determinado contexto e momento sócio-histórico. Assim, para que um texto se torne texto e a escrita se efetive, é necessário que se responda a algumas perguntas que são as condições de produção de texto: o quê? (assunto), por quê? (objetivo), para quem? (leitor), para quê? (justificativa), onde? (suporte), quando? (tempo) e como? (gênero textual). As condições de produção textual são imprescindíveis para a concretização da escrita na enunciação.

Se a escrita na escola é trabalhada tradicionalmente, o aluno, ao produzir um texto, não consegue desenvolver o processo de internalização ao receber instruções do professor e/ou do livro didático, pois

não há condições necessárias para que isso aconteça. A prática do texto sem atividades prévias e sem tempo suficiente para a reflexão do aluno não dá conta de proporcionar um

[...] espaço temporal para que o aluno internalize o conhecimento e atinja uma meta-consciência, isto é, não há tempo suficiente para que as palavras alheias se tornem suas palavras (OHUSCHI, 2006, p. 13).

O espaço temporal, imprescindível para a escrita como trabalho, segundo Vygotsky (1991), é a sedimentação, ou seja, o tempo de amadurecimento que o indivíduo precisa para que um processo interpessoal se transforme em intrapessoal, resultando, assim, no aumento de conhecimentos.

A produção escrita é artificial pela ausência do interlocutor e, sendo descontextualizada, exige que o aluno imagine a situação de produção textual. Por esse motivo, é necessário um maior grau de mediação para que essa artificialidade seja amenizada. É essa definição da escrita que temos na concepção interacionista da linguagem.

### A escrita como trabalho e o papel do professor

A escrita como trabalho implica uma série de processos. Sua aquisição não é natural, demandando muito tempo para que se constitua no aluno. Na abordagem interacionista tem-se, então, a leitura e a discussão como atividades prévias que ocorrem pela interação entre os indivíduos, com diálogos que produzem sentido, a partir das vozes que se encontram no âmbito escolar. Além disso, o tempo de sedimentação é essencial para que essas ações aconteçam dentro da perspectiva interacionista.

Por ser uma forma de linguagem mais complexa, o professor precisa trabalhar com a escrita de forma detalhada, explicando-a e exercitando-a entre os alunos. Além disso, a escrita é um processo individual, não coletivo, como a escola geralmente considera. Portanto, cada aluno tem seu ritmo de trabalho, seu conhecimento de mundo, seu método de aprendizagem, sendo necessário desenvolver estratégias de ensino que auxiliem na produção textual de cada aluno.

O professor tem fundamental papel na prática da escrita em sala de aula. Para que o aluno forme uma consciência social e ideológica na escrita, é necessário que as ações docentes estejam norteadas pela concepção de escrita como trabalho. Nessa perspectiva, o professor é responsável pela condução do processo de aprendizagem, pois, como afirma Evangelista (apud MALENTACHI, 2007, p. 49),

[...] suas intervenções sistematizadas, durante e após a atividade de produção textual, é que podem

favorecer ao aluno a compreensão do funcionamento da língua escrita.

A partir do momento que o aluno adquire a noção de construção do texto com suas leituras e a possibilidade de refletir e reformular ideias, ele está apto a se (trans)formar e desenvolver seus conhecimentos na escrita. Quando o aluno vê o professor não apenas como avaliador, mas como mediador, ele está ciente de que escreve para o outro, tentando fazer compreensíveis suas palavras e aceitando que precisa ouvir o que o outro tem a lhe dizer de acordo com o que foi escrito.

### Gêneros discursivos e o resumo acadêmico

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN,

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam (BRASIL, 1998, p. 21).

No que tange ainda à concepção de gênero, de acordo com as Diretrizes Curriculares de Ensino do Estado do Paraná - DCE, este “[...] é uma prática social e deve orientar a ação pedagógica com a língua” (PARANÁ, 2008, p. 19). Assim, a noção de gêneros está amplamente difundida no meio escolar/acadêmico e esses documentos são prova disso.

Os gêneros, segundo Marcuschi (2002, p. 22-23), são os

[...] textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Além disso, eles representam a interação entre os sujeitos que elaboram formas mais ou menos estáveis de discursos que, segundo Bakhtin (2003), revelam a esfera social à qual pertencem. Cada indivíduo, quando produz um enunciado, está fazendo uso de uma linguagem social pertencente a um grupo social particular de falantes.

Caracterizados por sempre apresentarem tema, construção composicional e estilo de linguagem específicos, os gêneros tornam a comunicação humana possível. A introdução dos gêneros na escola, portanto, é de grande importância para o ensino e aprendizagem da escrita, visto que o aluno tem a oportunidade de vivenciar todos os aspectos da comunicação escrita em sala de aula. Os gêneros são as materializações textuais discursivas usadas para que os objetivos das atividades com o texto sejam alcançados pelo professor, ou seja, devem ser instrumentos de ensino.

O gênero escolhido para realizar o trabalho da constituição da escrita na formação docente inicial nesta pesquisa foi o Resumo Acadêmico. Este gênero é uma das propostas didáticas mais frequentes do meio acadêmico, sendo utilizado para vários fins. Por isso, entendemos que o resumo, presente no cotidiano do aluno, precisa ser ensinado dentro da concepção interacionista de língua, visto que muitos alunos confundem o processo de sumarização com o resumo.

Saber resumir textos lidos é uma capacidade necessária nas sociedades letradas para o desempenho de várias funções e atividades profissionais. Além disso, o Resumo Acadêmico pode ser considerado um gênero que proporciona ao aluno a inserção nas práticas acadêmicas. Mostrar que o gênero que está sendo apresentado para os alunos é útil para a vida deles é uma maneira de incentivar sua aprendizagem. Muitas vezes, o que acontece nas escolas é justamente o desestímulo de trabalhar com gêneros porque se trabalha com aqueles que não são do dia a dia dos alunos.

O resumo, segundo Therezo (2007, p. 117), é “[...] a condensação de um texto, inteligível em si mesma, redigida em nível padrão de linguagem com as próprias palavras do leitor resumidor”. O texto é produzido por um aluno leitor que tem a função de demonstrar ao professor avaliador que leu e compreendeu o texto pedido. Vale ainda ressaltar que em um resumo não há opiniões de quem está resumindo, sendo, portanto, um texto fiel às ideias expressas pelo autor do texto original.

Para a confecção do Resumo Acadêmico, alguns aspectos que os alunos devem refletir e ter claros são: o autor do texto original, a função social do autor, a imagem que o autor tem de seu destinatário, os locais e/ou veículos onde o texto pode circular, o momento possível de produção e objetivos do autor do texto (MACHADO et al., 2005). Assim, vários elementos devem ser considerados ao produzir um resumo e, por isso, é um gênero que pode levar a outros conhecimentos, além da sua própria estrutura. A Tabela 1 mostra sinteticamente as características do gênero.

**Tabela 1.** Características do resumo acadêmico.

Características do resumo acadêmico
<ul style="list-style-type: none"> <li>• parágrafo único e número de palavras dentro do solicitado pelo veículo de circulação;</li> <li>• seleção das ideias principais;</li> <li>• uso de conectivos para articular as ideias;</li> <li>• ausência de opinião e exemplos pessoais;</li> <li>• menção ao autor do texto-fonte;</li> <li>• atribuição de atos ao autor do texto-fonte.</li> </ul>

Acreditamos que sua utilização como instrumento de trabalho em sala de aula com a

escrita pode levar a um desenvolvimento e a uma aprendizagem concretos dos alunos, com relação ao gênero e suas características.

### A mediação na prática da escrita com o Resumo Acadêmico

Este artigo traz uma mostra representativa do todo de nossa experiência em sala de aula com os acadêmicos do primeiro ano de Letras (Português Única), na disciplina Linguística I, de uma Universidade Estadual do Paraná, no ano de 2009, com o intuito de visualizar, na prática, o processo de escrita do gênero Resumo Acadêmico e também os instrumentos empregados nessa situação enunciativa.

Antes de expormos a experiência, acreditamos ser necessário para o entendimento do processo que foi realizado com os alunos, o esclarecimento da concepção de mediação. Para Vygotsky (1991), a mediação significa assistência. A mediação é considerada o aspecto central da psicologia do autor. Segundo Fino (2001, p. 8),

[...] todo o processo envolve a tomada de consciência do aprendiz sobre o próprio conhecimento, e pode ser guiado pelo professor que confronta o aprendiz com as tarefas de reconhecimento apropriadas.

A mediação pode ocorrer não apenas por meio da intervenção do professor, como também por outras ferramentas que auxiliam no desenvolvimento do aluno, como o material didático, por exemplo. Na pesquisa, focamos o papel do professor como mediador na constituição da escrita e os instrumentos didáticos utilizados para que essa mediação ocorresse e surtisse efeitos nas produções dos alunos, como os materiais didáticos empregados pela disciplina em que a experiência foi conduzida.

Sobre a função do professor como mediador, Morrison (1993 apud FINO, 2001, p. 8) afirma que ele

[...] actua inicialmente como agente metacognitivo ao monitorizar e dirigir, sutilmente, a actividade do aluno em direcção à conclusão da tarefa ou da resolução do problema, trabalhando, efectivamente, como regulador do processo e analista do conhecimento. Quando o aprendiz interioriza o comportamento cognitivo, o professor transfere para ele a responsabilidade e o controlo metacognitivo.

A partir das características e dos aspectos relacionados à mediação, relataremos como funcionou a produção do Resumo Acadêmico pelos alunos da turma de Letras, como a interação entre professor e alunos aconteceu e, separadamente, a análise completa de apenas um resumo de aluno, escolhido como representação do todo.

A turma de Linguística I tinha 40 alunos, dos quais 26 participaram do trabalho realizado. A idade média dos alunos escolhidos era de 22 anos, sendo que a faixa etária variou de 17 a 48 anos.

Para o início das atividades, os alunos foram divididos em grupos de até cinco pessoas; cada grupo ficou responsável pela apresentação de um capítulo do livro 'Preconceito linguístico: o que é, como se faz' (BAGNO, 1999), de Marcos Bagno. Após a divisão, os alunos teriam um tempo de aproximadamente duas semanas para prepararem os seminários que deveriam apresentar. As apresentações ocorreram no período estipulado pelo professor efetivo da turma e, posterior ao término do seminário, ele solicitou a produção de um resumo do capítulo que cada grupo havia apresentado, porém individualmente. Eles teriam aproximadamente 30 dias para a confecção do resumo.

Os objetivos das atividades foram: a) verificar o conhecimento que os alunos tinham em relação ao Resumo Acadêmico; b) exercitar a escrita do gênero, utilizando tópicos da aula de Linguística I e c) avaliar o desempenho dos resumos produzidos a partir de todo o processo de escrita (planejamento, organização das ideias, escrita, revisão e reescrita). Assim, foi feito um trabalho minucioso, que iniciou com a introdução do gênero de forma didática, apresentando sua estrutura, composição e seu estilo.

Antes que os alunos iniciassem as produções, apresentamos o gênero Resumo Acadêmico em uma aula, expondo as características, os elementos presentes num resumo, a forma que ele se estrutura, entre outros aspectos importantes do gênero que os alunos precisariam conhecer.

Os alunos foram informados de que poderiam entrar em contato conosco via *e-mail* para receberem instruções, sugestões e possíveis correções em seus textos. À medida que recebíamos as primeiras versões dos resumos, os corrigíamos. As correções e sugestões foram feitas através de comentários inseridos com a ferramenta de revisão do programa *Office Word 2007* e também de marcações coloridas para chamar a atenção em determinados trechos, bem como apontamentos ao final de cada resumo, salientando os maiores problemas do texto do aluno e acrescentando explicações que pudessem ajudar no processo da reescrita. Além disso, também arrumamos estruturas, construções não padrões, erros gramaticais etc., sempre marcando com a cor azul onde houve modificação.

### A análise do resumo do aluno G

Apresentamos a análise do resumo produzido pelo aluno G, composto por 372 palavras, o qual

sofreu grande interferência com a nossa mediação: ele enviou três versões para serem corrigidas antes da versão final (a maior parte dos alunos enviou apenas uma vez). O mito por ele resumido foi o último do livro de Bagno (1999), o n.º 8: 'O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social' e seu resumo é considerado uma amostra de texto bom, pois apresenta as características fundamentais do gênero Resumo Acadêmico, com exceção das palavras-chave.

Vejam os exemplos de uma versão final do resumo do aluno G:

BAGNO, M. Mito n.º 8 – O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social. In: BAGNO, M. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 2ª edição. Loyola: SP, 1999. p. 69-72. No livro 'Preconceito Linguístico', Bagno começa o mito oito retomando o início do livro, mais precisamente o mito 1, onde ele expõe que, ao não reconhecer a diversidade do português falado no Brasil, a escola impõe sua norma linguística como se ela fosse comum a todos. O linguista afirma que é preciso, portanto, que as escolas e todas as instituições ligadas à educação passem a reconhecer a diversidade linguística do nosso país para melhor planejar suas políticas de ação. Ele explica o título do mito 8, exemplificando que o domínio da norma padrão culta não tem relação com a ascensão social quando ele cita os professores que deveriam estar no topo da pirâmide social, econômica e política. Diz que nada vai adiantar o domínio da norma culta a uma pessoa que não tenha acesso a descente moradia, saneamento básico, tecnologias modernas, e a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos. O autor enfoca que todos os brasileiros precisam reconhecer que existe sim uma variação linguística e que o mero conhecimento da norma padrão culta não significa abolição de todos os problemas de indivíduos carentes. Todavia também é necessário garantir acesso à educação, bens culturais, saúde, habitação e uma vida digna de cidadão. Bagno afirma que o foco principal é a transformação da sociedade como um todo e não uma simples transformação individual, porque enquanto vivemos em meio a desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a 'ascensão social' dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. O autor prossegue afirmando que 'doando' a língua padrão a um indivíduo carente, obviamente, não o tornará um patrão e que não vale a pena promover a 'ascensão social' para que alguém se enquadre

dentro da sociedade que vivemos hoje; basta pensar nos indivíduos que detêm o poder no Brasil, além de serem falantes da norma culta, são sobretudo na maioria homens, brancos, heterossexuais, nascidos/criados na porção Sul-Sudeste do país. Concluindo, Bagno ainda nos recorda que falar da língua é falar da política e essa reflexão não deve se ausentar de nossas posturas teóricas e atitudes de cidadãos, do contrário, estaremos contribuindo para a manutenção do preconceito linguístico e do círculo vicioso da injustiça social.

O aluno iniciou seu resumo fazendo referência ao mito n.º 1, que foi relacionado ao mito n.º 8 pelo próprio autor do texto-fonte, Bagno (1999). Assim, a temática do mito não foi apresentada logo no começo do texto, pois o aluno optou em seguir as ideias apresentadas no mito. A temática aparece logo em seguida, em forma de explicação e exemplificação. No texto-fonte, a temática é exposta no primeiro e no segundo parágrafos por meio de uma constatação e de um questionamento que traz o exemplo dos professores na sociedade. Assim, observamos que o aluno G seguiu a ordem de apresentação da temática, colocando-a de acordo com o que está exposto no texto-fonte.

Após a temática do mito ser exposta, o aluno apresenta as ideias e as informações selecionadas por ele como relevantes em uma sequência correspondente àquela do mito n.º 8, articulando-as de forma simples e própria. A inserção de vocabulário diferente daquele do mito quase não foi recorrente e, por isso, afirmamos que a articulação do texto não foi complexa, e sim, simples.

A ordem das informações do texto-fonte foi mantida no resumo, sem exceções, o que mostra a característica da impessoalidade, ou seja, a ausência de marcas que denotariam sua individualidade nesse critério. Ele, provavelmente, foi fiel à ordem do texto-fonte e deixou explícito que desse modo seu texto estaria adequado ao gênero produzido, pois entendeu, com as aulas ministradas sobre o Resumo Acadêmico e as mediações, que essa é uma característica pertinente ao gênero.

Quanto à seleção das ideias principais do texto-fonte, temos que o aluno G apresentou todas as informações consideradas relevantes do mito n.º 8. Um detalhe importante a ser mencionado diz respeito ao tamanho do texto resumido – trata-se do mito mais curto da obra de Bagno (1999). Assim, a ação de sumarizar em si não exigiu muito trabalho do aluno, devido à forma com que o mito foi construído: além de ser um texto curto, com apenas

três páginas e meia, há vários exemplos no decorrer do mito, o que facilita o processo de seleção de informações para a produção do resumo.

Nesse sentido, o aluno deixou de lado a maior parte dos exemplos; porém, no momento em que julgou necessário, apresentou um deles em seu resumo, em que o aluno cita os professores que não estão no topo da pirâmide social, econômica e política de nosso país.

Em geral, as ideias foram ligadas entre si por meio de conectivos e também pela simples menção do autor do texto-fonte, seguida da atribuição de uma ação a este. Como exemplo de junção por conectivo, temos o seguinte trecho:

O autor enfoca que todos os brasileiros precisam reconhecer que existe sim uma variação linguística e que o mero conhecimento da norma padrão culta não significa abolição de todos os problemas de indivíduos carentes. Todavia também é necessário garantir acesso à educação, bens culturais, saúde, habitação e uma vida digna de cidadão, [...] (Aluno G).

que teve duas frases ligadas pela conjunção ‘Todavia’.

A construção composicional do resumo do aluno G está de acordo com as características pertencentes ao gênero Resumo Acadêmico, considerando a presença de parágrafo único, tempo verbal no Presente do Indicativo e menção do texto-fonte antes do início do resumo. As etapas fundamentais para a produção de um Resumo Acadêmico também estão marcadas no texto do aluno: temática apresentada no início do texto; uso de conectivos para ligar as ideias; menção do autor do texto fonte (Bagno, o linguista, ele e o autor); atribuição de ações do autor do texto-fonte por meio de verbos ‘dicendi’ (começa, afirma, explica, enfoca, prossegue afirmando e nos recorda); e ausência de opinião explícita do aluno.

Os verbos de ação (ou ‘dicendi’) no resumo analisado foram utilizados pelo aluno com bastante propriedade, pois observamos que seu uso variado e concordante com os tipos de informações expostos por Bagno (1999) no mito n.º 8, se refere a determinado nível de interpretação.

Partimos agora para as operações de sumarização realizadas pelo aluno, as quais são fundamentais para o processo de resumir em si. As estratégias de apagamento e substituição (RUIZ, 2001) foram recorrentes em todo o texto, sendo a primeira em maior grau. Como exemplo de comprovação de apagamento, temos o trecho:

Diz que nada vai adiantar o domínio da norma culta a uma pessoa que não tenha acesso a descente moradia, saneamento básico, tecnologias modernas, e a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos,

que se refere a um parágrafo texto-fonte, em que o aluno fez a escolha das informações que mais lhe interessavam, demonstrando, de certa forma, sua opinião com relação ao que considerava importante resumir. Nesse sentido, o apagamento fica facilmente visível, visto a quantidade de palavras do texto-fonte que foram descartadas pelo aluno. Como exemplo, temos a Tabela 2 que apresenta de um lado, o texto do aluno, e do outro, o texto-fonte referente àquela parte resumida, com um número maior de palavras:

**Tabela 2.** Trecho do resumo em comparação com o trecho do texto fonte.

Resumo	Texto fonte
Diz que nada vai adiantar o domínio da norma culta a uma pessoa que não tenha acesso a descente moradia, saneamento básico, tecnologias modernas, e a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos.	O que estou tentando dizer é que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto. O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus concidadãos. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não têm o que comer.

Já a substituição foi dividida nos dois processos deste grupo – a generalização e a construção (MACHADO et al., 2005). Ambos apareceram poucas vezes no resumo, porém não podemos deixar de mencioná-los. Um exemplo de generalização está neste trecho: “[...] quando ele cita os professores que deveriam estar no topo da pirâmide social, econômica e política [...]”, em que o aluno utiliza a palavra ‘professores’ para se referir à classe que deveria estar no topo da pirâmide social, econômica e política, caso o mito fosse verdade, sendo que o autor do texto-fonte cita apenas os ‘professores de português’.

A construção ocorreu mais vezes do que a generalização, já que o aluno uniu várias ideias por meio de conectivos e fez algumas mudanças

estruturais também, como apresentar um questionamento do mito na forma de uma afirmação a partir de indícios do autor do texto fonte.

Quanto às orações do resumo analisado, encontramos períodos compostos por subordinação e por coordenação. Em geral, as conjunções coordenadas foram utilizadas com bastante propriedade, visto que o aluno fez alterações com relação às conjunções do texto-fonte, e inseriu outras, demonstrando assim sua capacidade de reformulação.

Com as considerações realizadas até agora, temos que o gênero Resumo Acadêmico foi aprendido pelo aluno G, em termos gerais, considerando as características e os aspectos descritos.

### A mediação no resumo do aluno G

A correção dos textos foi realizada por meio de dois tipos: a resolutiva, em que detectamos os erros e reescrevemo-los, apenas marcando em outra cor para que o aluno percebesse; e a textual interativa, em que inserimos comentários ao final do resumo e/ou pela ferramenta de inserção de comentários do *Office Word 2007*, com o intuito de orientar sobre a correção realizada (RUIZ, 2001).

Vejamos a versão original do aluno enviada para nós e, em seguida, a versão com nossas intervenções e modificações (Figura 1):

Segundo Marcos Bagno, o mito nº 8 ‘O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social’ expõe uma visão utópica de uma extensa parcela da população que acredita que ensinar a um indivíduo o uso da norma padrão culta é o passaporte dele para crescer na vida. Porém se essa idéia fosse verdadeira teríamos os professores no topo da pirâmide social econômica e política do país, e por outro lado, teríamos fazendeiros, donos de muitas cabeças de gado, de indústrias agrícolas, com grande influência política na sua região mas com poucos anos de estudo primário na base desta mesma pirâmide. O autor frisa que para as pessoas que não possuem água encanada, luz elétrica, rede de esgoto, de nada irá adiantar saber ler e escrever de acordo com a norma padrão culta pois isso não os elevará de classe. Bagno conclui dizendo que primeiramente é necessário dar a essas pessoas saneamento básico, acesso a boa educação, saúde, para que assim cada cidadão tenha, em primeiro lugar, uma vida digna. (Aluno G).

A primeira versão do resumo do aluno G apresentou vários problemas relativos ao conteúdo do gênero e alguns relativos à estrutura, como: a paragrafação, que não faz parte do resumo; o

número de palavras abaixo do solicitado; a pontuação, entre outros aspectos. Com isso, observamos que o aluno não tinha o total domínio do Resumo Acadêmico, pois, apesar de possuir poucos erros de gramática, faltaram elementos que o caracterizam, tanto na forma, como no conteúdo. Fizemos, então, alguns apontamentos que o orientaram sobre como proceder em determinadas situações e aspectos, expondo as etapas necessárias para que o texto tivesse todas as características de um Resumo Acadêmico.

Resumo não tem parágrafo.

Deve-se apresentar o cabeçalho antes de iniciar seu texto.

Aluna G, seu resumo está muito curto, pois você não abordou todas as questões que o autor coloca no mito. Leia novamente o mito e sublinhe todas as informações que seriam importantes para se colocar num resumo. Essas informações não são exemplos e nem justificativas, mas sim os fatos que o autor afirma como verdadeiros (realmente não há muitos, porque o mito nº8 contém muitos exemplos, mas tente reformular os exemplos em forma de afirmação).

a) Primeiramente, comece expondo a relação que Bagno faz com o primeiro mito;

b) Em seguida, exponha a situação que explicaria o título do mito – o autor afirma que é um mito porque há provas reais de que a norma padrão culta não tem relação com a ascensão social.

c) Cite a questão do último parágrafo da página 70: "é preciso garantir a todos os brasileiros o reconhecimento da variação linguística, porque ...", até o fim do parágrafo, mas com suas palavras e conectivos.

d) O parágrafo seguinte, da página 71, que inicia com "Como é fácil..." também trata de uma questão fundamental do mito. Fale sobre ela, dizendo o que o autor pensa sobre.

e) Na página 72, Bagno lança perguntas que, respondidas, dão a conclusão ao mito.

Essas são minhas sugestões; se tiver dúvidas, entre em contato.

BAGNO, M. Mito nº 8: "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social". In: BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*: o que é, como se faz. 2. ed., Edições Loyola. São Paulo, 1999.

Segundo Marcos Bagno, o mito nº 8 "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social" expõe uma visão utópica de uma extensa parcela da população que acredita que ensinar a um indivíduo o uso da norma padrão culta é o passaporte dele para crescer na vida. Porém, se essa ideia fosse verdadeira, teríamos os professores no topo da pirâmide social econômica e política do país, e por outro lado, teríamos fazendeiros, donos de muitas cabeças de gado, de indústrias agrícolas, com grande influência política na sua região, mas com poucos anos de estudo primário, na base desta mesma pirâmide. O autor fala que para as pessoas que não possuem água encanada, luz elétrica, rede de esgoto, nada irá adiantar saber ler e escrever de acordo com a norma padrão culta, pois isso não os elevará de classe. Bagno conclui dizendo que primeiramente é necessário dar a essas pessoas saneamento básico, acesso a boa educação, saúde, para que assim cada cidadão tenha, em primeiro lugar, uma vida digna.

[R1] Comentário: Inicie o resumo com a identificação da obra onde o texto original se encontra e o autor.

[R2] Comentário: Este trecho mas parece uma pergunta do que uma ideia principal do texto.  
[R3] Comentário: Tente não exemplificar no resumo.

[R4] Comentário: Tem certeza de que ele finaliza o mito com essas ideias?

Figura 1. Resumo do aluno G com intervenções e modificações.

Várias sugestões relativas ao conteúdo do texto também foram evidenciadas para o melhoramento do resumo (Figura 2). Além disso, questionamentos acerca de algumas ações que foram realizadas pelo discente.

Na segunda versão do aluno G, notamos grande melhoria na forma e também no conteúdo. As alterações sugeridas por nós na inserção de comentários foram realizadas e o aluno ainda teve iniciativa para apresentar novas ideias do texto

original, adequando-as ao gênero. As ações do aluno de reformular o texto a partir das sugestões e das instruções sobre como seu resumo deveria ser produzido, dadas ao final do resumo, também foram realizadas, o que revela significativa influência da mediação naquele momento; inclusive, verificamos isso ao nos depararmos com o número de palavras que compõem a segunda versão do resumo, bem maior do que a versão anterior. Poucas correções quanto à gramática foram feitas e ficaram claros para o aluno os elementos que caracterizam o Resumo Acadêmico.

No livro "Preconceito Linguístico", Bagno expõe no mito 1, que, ao não reconhecer a diversidade do português falado no Brasil, a escola impõe sua norma linguística como se ela fosse a língua comum a todos. O linguista afirma que é preciso, portanto, que as escolas e todas as instituições ligadas à educação passem a reconhecer a diversidade linguística do nosso país para melhor planejar suas políticas de ação. Ele explica o título do mito 8, exemplificando que o domínio da norma padrão culta não tem relação com a ascensão social quando ele cita os professores que deveriam estar no topo da pirâmide social, econômica e política. Diz que nada vai adiantar o domínio da norma culta a uma pessoa que não tenha acesso a descente moradia, saneamento básico, tecnologias modernas, e a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos. O autor enfoca que todos os brasileiros precisam reconhecer que existe sim uma variação linguística e que o mero conhecimento da norma padrão culta não significa abolição de todos os problemas de indivíduos carentes. Todavia também é necessário garantir acesso à educação, bens culturais, saúde, habitação e uma vida digna de cidadão. Bagno afirma que o foco principal é a transformação da sociedade como um todo e não uma simples transformação individual, porque enquanto vivemos em meio à desigualdades sociais profundas, "toda tentativa de promover a "ascensão social" dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. O autor prossegue afirmando que "doando" a língua padrão a um indivíduo carente, obviamente, não o tornará um patrão e que não vale a pena promover a "ascensão social" para que alguém se enquadre dentro da sociedade que vivemos hoje, basta pensar nos indivíduos que detêm o poder no Brasil, não são (quando são) apenas falantes da norma culta, mas são, sobretudo, em sua grande maioria, homens, brancos, heterossexuais, nascidos/criados na porção Sul-Sudeste do país). Concluindo, Bagno ainda nos recorda que falar da língua é falar da política e essa reflexão não deve se ausentar de nossas posturas teóricas e atitudes de cidadãos, do contrário, estaremos contribuindo para a manutenção do preconceito linguístico e do círculo vicioso da injustiça social.

[R1] Comentário: Você começa a falar do mito nº1 e a continuação parece que ainda se refere a esse mito. Faça a distinção entre o mito nº1 e o nº 8.

[R2] Comentário: Tire as aspas porque acho melhor não fazer citação direta. Tente modificar ao menos um pouco este trecho para não ser uma citação idêntica ao texto-fonte.

Aluna G, seu resumo está bom. Dê uma olhada nos comentários e modifique o que for necessário. As marcas em azul mostram minhas alterações. Se precisar de ajuda, entre em contato novamente.

Figura 2. Segunda versão do resumo do aluno G corrigida.

Já na última versão (Figura 3), percebemos que o aluno internalizou o gênero e conseguiu articular as informações sobre o mito com propriedade, usando as estratégias de produção de forma independente. Um fato que chamou a atenção foi que ele colocou comentários em seu próprio texto, perguntando-nos como se quisesse confirmar as ações que estava realizando, demonstrando, assim, a consciência do que estava fazendo. Onde foram inseridos os comentários R1, R2 e R3 na última versão, o aluno havia feito os seguintes questionamentos, respectivamente:

Esse início ficou bom assim, [...]? Essa parte eu posso excluí-la do texto? Achei melhor excluí-la para não ter tantas retomadas do mito 1; e Nessa parte tentei parafrasear o máximo que eu pude. Ficou bom assim?

Desse modo, a partir dessas amostras e explanações podemos afirmar que o processo de mediação proporcionou uma significativa

melhoria no texto do aluno G, tornando-o uma produção considerada de nível bom, levando em consideração, também, a sedimentação, ou seja, o tempo de amadurecimento que o aluno precisou para que um processo interpessoal se transformasse em intrapessoal (VYGOTSKY, 1991).

BAGNO, M. Mito nº8: "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social." In: BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 2. Ed. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

No mito nº 8, da obra "Preconceito Linguístico", o autor Marcos Bagno começa retomando o início do livro, mais precisamente o mito nº 1, em que ele expõe que, ao não reconhecer a diversidade do português falado no Brasil, a escola impõe sua norma linguística como se ela fosse comum a todos. Afirma que é preciso, portanto, que as escolas e todas as instituições ligadas à educação passem a reconhecer a diversidade linguística do nosso país para melhor planejar suas políticas de ação. Ele explica, então, o título do mito nº 8, exemplificando que o domínio da norma padrão culta não tem relação com a ascensão social quando ele cita os professores que deveriam estar no topo da pirâmide social, econômica e política. Diz que nada vai adiantar o domínio da norma culta a uma pessoa que não tenha acesso a descente moradia, saneamento básico, tecnologias modernas, e a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos. O autor enfoca que todos os brasileiros precisam reconhecer que existe sim uma variação linguística e que o mero conhecimento da norma padrão culta não significa abolição de todos os problemas de indivíduos carentes. Todavia também é necessário garantir acesso à educação, bens culturais, saúde, habitação e uma vida digna de cidadão. Bagno afirma que o foco principal é a transformação da sociedade como um todo e não uma simples transformação individual, porque enquanto **vivermos** em meio a desigualdades sociais profundas, "toda tentativa de promover a "ascensão social" dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. O autor prossegue afirmando que "doando" a língua padrão a um indivíduo carente, obviamente, não o tornará um patrão e que não vale a pena promover a "ascensão social" para que alguém se enquadre dentro da sociedade que vivemos hoje; basta pensar nos indivíduos que detêm o poder no Brasil, além de serem falantes da norma culta, são sobretudo, na maioria, homens, brancos, heterossexuais, nascidos/criados na porção Sul-Sudeste do país. **Concluindo**, Bagno ainda nos recorda que falar da língua é falar da política e essa reflexão não deve se ausentar de nossas posturas teóricas e atitudes de cidadãos, do contrário, estaremos contribuindo para a manutenção do preconceito linguístico e do círculo vicioso da injustiça social.

Verifique os comentários em resposta aos seus questionamentos.  
Bom trabalho!

(R1) Comentário: Modifiquei o começo, mas está bom assim.

(R2) Comentário: Também acho melhor retirar esse trecho.

(R3) Comentário: Ok! Está bom assim.

Figura 3. Terceira versão do resumo do aluno G.

### Considerações finais

Constatamos, a partir da análise realizada com o resumo do aluno G, que as intervenções realizadas por nós através de correções e apontamentos, via *e-mail*, no programa *Office Word*, foram significativamente relevantes para a constituição da escrita dos textos, como ferramenta didática para esse tipo de atividade com os alunos.

Apesar de o contato com os alunos ter sido apenas, via *e-mail*, e, conseqüentemente, haver dificuldade em ações que auxiliariam no entendimento de determinadas correções e sugestões se fossem dadas pessoalmente, surpreendemo-nos com os resultados alcançados com essa forma de intervenção, visto que os alunos não demonstraram incompreensão frente às correções feitas e conseguiram aprimorar seus textos a partir do processo mediativo. Um detalhe importante e que fez a diferença foi o uso da ferramenta da revisão do programa *Office Word* 2007, que possibilitou a inserção de comentários e a marcação do trecho ou palavra que estava sendo

alvo de apontamento. Assim, o emprego da Internet no processo de mediação pode ser implantado no âmbito acadêmico como uma ferramenta didática, considerando sua presença na vida do aluno, o que torna a atividade ainda mais interessante.

Desse modo, salientamos a importância de o ensino do Resumo Acadêmico, bem como de outros gêneros da esfera escolar ou acadêmica, ser realizado com a utilização do instrumento mediativo durante todo o processo de escrita, revisão e reescrita de gêneros acadêmicos, a fim de que os alunos tenham a oportunidade de refletir e re(pensar) sobre suas ações como autores e sujeitos dos textos que constroem, por meio da assistência e da ação colaborativa entre professor e aluno.

### Referências

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para 3º e 4º ciclos do ensino fundamental** – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Versão eletrônica.
- FINO, C. N. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.
- MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. O resumo escolar: uma proposta de ensino do gênero. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 1, n. 8, p. 89-101, 2005.
- MALENTACHI, D. A. **As ações colaborativas entre professor e alunos de ensino médio na construção da escrita**. 2007. 176f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MENEGASSI, R. J. Interação e escrita na formação inicial do professor: alterando concepções. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LINGUAGEM E INTERAÇÃO, 1., 2005, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2005. p. 1-10.
- OHUSCHI, M. C. G. **A produção de texto no curso de letras: diagnósticos do ensinar a escrita**. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio.** Curitiba: SEED, 2008. Versão eletrônica.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

THEREZO, G. P. O resumo. In: THEREZO, G. P. (Ed.). **Redação e leitura para universitários.** Campinas: Alínea, 2007. p. 117-130.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZASSO, S. M. B. Enunciação, escrita e alfabetização: sobre a alteridade na linguagem. **Revista Calidoscópico**, v. 4, n. 2, p. 121-129, 2006.

*Received on August 30, 2012.*

*Accepted on February 27, 2013.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.